

SOBRE O ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA HISTÓRIA

Rubens Leonardo Panegassi¹

PIRES, Francisco Murari. *A Clio Tucídideana entre Maquiavel e Hobbes: os olhares da história e as figurações do historiador*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2014.

RESUMO: O presente texto apresenta uma resenha do livro *A Clio Tucídideana entre Maquiavel e Hobbes: os olhares da história e as figurações do historiador*, de autoria de Francisco Murari Pires. Após uma breve apresentação do autor e a localização deste último livro no interior de sua recente produção intelectual, a resenha se detém no eixo estruturador da obra, a saber, os embates e as percepções da obra de Tucídides no âmbito de uma tradição historiográfica que alcança estatuto científico ao longo do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia, Tucídides, Antigos e Modernos.

ABSTRACT: The text presents a review of the book *A Clio Tucídideana entre Maquiavel e Hobbes: os olhares da História e as Figurações do Historiador* by Francisco Murari Pires. The review presents the author and finds his new book among his recent publications. The review presents the structural axis of the work. Namely, perceptions of Thucydides' work as part of a historiographical tradition that turns into science in the nineteenth century.

KEYWORDS: Historiography, Thucydides, Ancient and Modern

¹ Doutor em História pela Universidade de São Paulo, professor de História Moderna e Contemporânea da Universidade Federal de Viçosa, líder do grupo de pesquisa *A Época Moderna em suas linhas de força: enfoques historiográficos e pressupostos teóricos*.

A Clio Tucidadeana entre Maquiavel e Hobbes: os olhares da história e as figurações do historiador é o segundo volume da trilogia composta pelo historiador Francisco Murari Pires, iniciada com o livro *Modernidades Tucideanas: Ktema es Aei*, que nos foi oferecido em impecável edição da Editora da Universidade de São Paulo, em parceria com a Fapesp, em 2007. Assim como *A Clio Tucideana*, o terceiro volume, intitulado *O fardo e o fio: intrigas tucideanas acerca da escrita da história* será publicado também pela editora Armazém Digital, da qual se espera um maior rigor de editoração e revisão.

Francisco Murari Pires é professor de História Antiga da Universidade de São Paulo, onde concluiu o doutorado no Programa de Pós-Graduação. Destaca-se entre seus escritos a belíssima coletânea de ensaios *Mithistória* (2006), dedicada às relações entre mito e história, onde Tucídides figura, também, como autor relevante no plano da obra. Diante disso, é justo sugerir que Francisco Murari é uma referência substantiva para todos aqueles que dedicam seus estudos ao historiador grego.

Todavia, os escritos de Murari não interessam apenas aos especialistas em História Antiga, uma vez que o enfoque de suas pesquisas tem privilegiado as percepções da história tucideana no interior de uma tradição historiográfica que, embora iniciada no século XIII, persiste no início de século XXI. Isto porque, em seus estudos de crítica historiográfica, Murari atenta para a sutileza da recepção das obras em diferentes contextos, problematizando a relação entre Antigos e Modernos, temática que tem orientado suas pesquisas e que redundou em duas outras publicações relevantes sobre o assunto (Cf. PIRES, 2009 e PIRES e ZERON, 2010).

A Clio Tucideana catalisa inúmeras questões que são abordadas em outros estudos de Francisco Murari. Contudo, há um ponto fundamental abordado no livro que, ao ecoar o primeiro volume da trilogia – *Modernidades Tucideanas* –, nos revela algo sobre as inquietações que norteiam as investigações de Murari Pires, a saber: *ktema es aei*. Ou seja, “aquisição para sempre”, como indica o próprio autor (Cf. PIRES, 2014, p. 19), remete-nos ao volume publicado em 2007. “Princípio tucideano” – essa aquisição se define como saber histórico de plena e permanente

utilidade, cujo pressuposto constitui o escopo de um livro que nos sugere ser a autoridade do saber histórico definida com base em uma intrínseca relação que se constitui em consequência das diferentes figurações com as quais o historiador é representado. Assim, *A Clio Tucidideana* trata da construção da figura heroica do historiador, provido de um complexo de virtudes excepcionais e que será paulatinamente substituído pela figura romântica do gênio, dotado de extraordinária capacidade intelectual. Como sugere Murari, é Tucídides quem viria a ser considerado o mais perfeito historiador, o gênio da história, na perspectiva de historiadores como Barthold Georg Niebuhr e Leopold von Ranke, consagrados como representantes primevos da moderna concepção científica de história.

O livro divide-se em três capítulos, afora apresentação e epílogo. Com efeito, a apresentação reproduz na íntegra o prólogo do primeiro volume, muito embora Murari tenha feito alterações notórias ao final, significativas, sobretudo, em face do contraponto que estabelece diante da diversidade de ecos e usos da obra do historiador grego apresentados pelo autor, diatribes que marcam o processo de memorização da história tucidideana e que podem ser resumidas como resultante de uma trajetória marcada por duas polaridades. A primeira delas encontra-se no interior da oposição entre arte e ciência, que iniciada com a retorização de Tucídides em tempos romanos, se recompõe com base no resgate da obra do historiador grego pela cultura renascentista e pela querela entre Antigos e Modernos, para incidir em sua leitura científica, característica do século XIX, bem como em seus usos posteriores. A outra polarização define-se no interior de uma relação pendular entre ética e política, especialmente suas apropriações pelo realismo político e os estudos de teoria política, além da valorização das leituras tucidideanas nos quadros revolucionários do Antigo Regime e das polêmicas referentes às questões da democracia e do império, que vigoraram ao longo do século XIX e no contexto de crise de valores que a civilização ocidental experimentou após a segunda guerra mundial.

Dessa forma, a reavaliação da obra do historiador grego e seu *ktema* acompanhou vicissitudes contextuais, em que ora pôde

encontrá-la em uma dimensão fria e objetiva do pragmatismo político, ora pôde observar a indignação de um moralista imbuído de ética humanista. Daí a necessidade de se apreender a semântica em que a escrita de Tucídides está imersa, para que se restaurem “os confins silenciosos da palavra original” (p. 54), ideia tecida por Murari ao final da (nova) apresentação do livro e reiterada em proposital articulação com um momento marcante do belíssimo filme de Theo Angelopolus no qual o ator Marcello Mastroianni, ao interpretar um e misterioso líder político desaparecido, anuncia: “há tempos em que o silêncio é imperativo para que possamos ouvir a música que segue às gotas da chuva”.²

É por meio dessa metáfora, portanto, que Francisco Murari Pires conduz o leitor às sutilezas desses silêncios, sem deixar de insistir nos constantes deslocamentos da projeção da excelência historiográfica, que ora incidiu sobre Heródoto, ora sobre Tácito, Luciano ou Tito Lívio, até o momento em que este, e seu modelo estilístico, foram questionados por Maquiavel e Hobbes a partir de meados do século XVI, fato que instituiria a promoção de uma nova vertente de exemplaridade da escrita tucidideana e paulatinamente deslocaria o horizonte do saber histórico da arte retórica para a ciência política.

Com efeito, Francisco Murari inicia a circunscrição dessa evolução da identidade da história com Maquiavel, ao qual o autor dedica todo um capítulo que, por si só, já nos garantiria um livro de fôlego a respeito do secretário florentino em sua dimensão tucidideana. Entretanto, longe de qualquer pretensão de encontrar, seja uma genealogia tucidideana em Maquiavel, seja uma teologia maquiaveliana em Tucídides, a proposta do autor é compor um diálogo paralelo às concepções de escrita da história em ambos os autores. Isso porque, segundo Murari, os juízos da crítica moderna sobre o assunto oscilam tanto a respeito do alcance da obra do historiador grego no pensamento político do florentino quanto, inversamente, sobre o fato de Tucídides ter sido um precursor da noção de Razão de Estado.

² A tradução para o português é minha, cf. p. 54. Cf. tbm. O PASSO SUSPENSO DA CEGONHA. Direção: Theo Angelopoulos. França/Grécia: Platina Filmes, 1991. 1 DVD (136 min.).

O que notamos, contudo, é uma conjuntura do imperativo da noção ciceroniana de *Historia Magistra Vitae*, que se encontra não apenas subordinada à retórica, mas também tutelada por Tito Lívio, autor integrado como referência à cultura historiográfica do *Quattrocento* por meio de Francesco Petrarca. Entretanto, segundo Murari, é com Maquiavel que o fascínio pela retórica e seus adornos se desvanece, sobretudo em face de suas considerações sobre a realidade efetiva. Desse modo, o florentino afasta sua prática historiográfica das figurações idealistas com base em sua fundamentação na concretude da experiência política.

Assim, de acordo com Francisco Murari Pires, foi o exílio imposto a Maquiavel, associado à sua “Corte dos Antigos”, os elementos que definiriam seu gosto pela ciência política da Antiguidade em detrimento da piedade cristã, configuração essa que orientaria não apenas sua “volta” ao passado, mas, principalmente, uma “atualização” contextual de sua compreensão daquelas histórias na busca por modelos que inspirassem melhorias contemporâneas em Florença.

Além disso, tal experiência propicia ao florentino uma releitura de Tito Lívio e das questões que os *Discorsi* delineavam, explorando os benefícios dos conflitos e operacionalizando as dissensões no intuito de legitimar a república. Sob essa grade de leitura, o Estado não há de reprimir nem controlar as tensões e os conflitos sociais, mas antes, de operar por meio deles. É dessa asserção que se depreende a perspectiva tucidideana de Maquiavel, uma vez que o debate entre uma prática historiográfica que privilegie a verdade dos acontecimentos em detrimento da mera satisfação do público foi posta pelo historiador grego, esclarecendo sua opção pela verdade dos fatos. Como pauta nessa “transcrição do real” (p. 161), diz-se que parte da historiografia contemporânea atribuiu ao historiador grego a gênese de uma prática historiográfica objetiva e distanciada, diretriz imperativa do realismo político, segundo alguns autores.

É desse modo que Francisco Murari leva em conta sua proposta de circunscrever a evolução da identidade da história com Maquiavel. Nos interstícios do ideário antigo e de suas reminiscências heroicas, o secretário florentino sublima sua

prática historiográfica. Em vista disso, Murari delinea os elementos que constituem a figuração heroica, do historiador como aquele que escapa às mentiras escritas por aduladores em busca de recompensas e privilégios, elementos esses fundamentais para a circunscrição de uma trajetória que conduz a subordinação da história ao imperativo de uma racionalidade superior, orientada pelo dever ético da honra, em que se há de alcançar a precisa facticidade dos fenômenos.

Essa relação de subordinação da história à ética, na busca da precisa facticidade dos fenômenos, ganhará contornos metodológicos por parte de alguns de seus principais sistematizadores. Assunto sobre o qual o autor se detém no segundo capítulo do livro, *O príncipe da história*. Com efeito, *A Clio Tucídideana* nos convida a uma percepção diacrônica da identidade da história, que, sem dúvida, encontra-se já enunciada em seu título, uma vez que é no ínterim existente entre Maquiavel e Hobbes que Francisco Murari anuncia os procedimentos de sistematização da prática historiográfica com base em alguns de seus principais mentores. Partindo da fama historiográfica de Heródoto, tido por mentiroso, o livro recupera a inconformação de Jean Bodin a respeito da tradição – inaugurada por Cícero – que reconhece o historiador de Halicarnasso como o pai da história.

O fato é que, para o jurista, o aprimoramento da ciência jurídica moderna deve se fundamentar na excelência do saber histórico. Assim, é o foco na vida política dos Estados que definiria um novo horizonte político para a história, bem como a necessidade de um método para que o saber histórico se estabilizasse por sua utilidade efetiva. Daí a manifesta preferência de Bodin por Tucídides em detrimento de Heródoto nas páginas de seu *Methodus ad facilem historiarum cognitionem*. Para o jurisconsulto, o preceito do historiador reside em sua capacidade de discernimento axiológico, ou seja, no ajuizamento crítico da veracidade historiográfica. Diante disso, para Jean Bodin, é Tucídides o pai da história.

Ainda que diacrônico, o movimento de projeção da excelência historiográfica e sua sistematização apresentado por Francisco Murari Pires não é um processo linear. Isso fica evidente na

apologia de Heródoto recuperada pelo autor por meio dos escritos de Henri Estienne em sua publicação das *Histórias* do historiador de Halicarnasso. Todavia, foi com La Popelinière que se definiriam os contornos de um projeto de cientificidade historiográfica. Daí a relevância da figuração de Tucídides como o historiador perfeito em sua *Histoire des histoires*, sendo Heródoto o “Príncipe da Mentira”.

Em suma, ao passo que o livro trata da construção da figura heroica do historiador e de sua substituição pela imagem romântica do gênio, importa notar que as figurações de La Popelinière situam-se entre estes dois polos, a saber: o heroico e o genial. Em síntese, escreve Murari, “a retórica argumentativa de La Popelinière indecide o estatuto epistemológico da arte ou da ciência do discurso historiográfico, assim errante entre sua apreensão pelo evanescente conceito do *heroico* e o apenas (então) florescente moderno da *genialidade*” (p. 490).

Por fim, no terceiro e último capítulo, o mais breve de todos, Francisco Murari Pires recupera a questão do horizonte político calcado no saber histórico. *As faces de Clio* apresenta-nos o papel desempenhado pela história na aquisição da prudência, fundamento da ciência política, notavelmente por intermédio de Thomas Hobbes, que traduziu para o inglês a *História da Guerra do Peloponeso*. Para Hobbes, o nome Tucídides designa conceito de excelência de *Historia Magistra Vitae*, recurso fundamental para o ensino de prudência em relação às questões presentes e previdência em relação às questões futuras. Entretanto, Murari não deixa de assinalar que Hobbes reverbera em Tucídides sua identidade monarquista, sobretudo ao ver, no historiador grego, o espírito nobre do aristocrata zeloso do bem público. Não obstante, o capítulo apresenta o ápice do deslocamento do horizonte do saber histórico em direção à ciência política.

A substituição da figura heroica do historiador pela imagem do gênio é objeto de discussão do epílogo, no qual a glorificação de Tucídides por autores como Niebuhr e Ranke nos é apresentada por Francisco Murari como a atualização do clássico diálogo epistemológico entre Antigos e Modernos na definição de um parâmetro conceitual para a apreciação da prática historiográfica. O epílogo é estimulante para uma peça que sabemos não estar

acabada. Enfim, vale sublinhar que o livro fica como referência para todos os leitores que pretendem se aproximar ou se aprofundar na própria constituição da História da Historiografia como campo de investigação.

Referências

PIRES, Francisco Murari (org.). *Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009.

PIRES, Francisco Murari e ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro (org.). . “Antigos, Modernos, Selvagens: diálogos franco-brasileiros de história e antropologia”. São Paulo: *Revista de História da USP* - edição especial, 2010. v. 1. 301p.

PIRES, Francisco Murari. *Mithistória*. 2. vol. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

PIRES, Francisco Murari. *Modernidades Tucidideanas: Ktema es Aei*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2007.

Filmografia

O PASSO SUSPENSO DA CEGONHA. Direção: Theo Angelopoulos. França/Grécia: Platina Filmes, 1991. 1 DVD (136 min.).